

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

MICHELE MOTA DA SILVA

**GAMIFICAÇÃO: CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO  
CONHECIMENTO**

UBERLÂNDIA – MG  
2021

MICHELE MOTA DA SILVA

**GAMIFICAÇÃO: CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO  
CONHECIMENTO**

Trabalho entregue como requisito parcial de avaliação em  
TCC II do curso de Pedagogia, modalidade a Distância da  
Universidade Federal de Uberlândia.

Polo: Votuporanga - SP

Prof: Dr. Hélio Carlos Miranda de Oliveira

UBERLÂNDIA – MG  
2021

MICHELE MOTA DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentada à Universidade  
Federal de Uberlândia –  
para a obtenção do grau do curso  
de Licenciatura em Pedagogia  
sob a orientação do professor Dr.  
Hélio Carlos Miranda de Oliveira

Uberlândia, 25 de novembro de 2021.

---

Professor Orientador: Hélio Carlos Miranda de Oliveira  
Universidade Federal de Uberlândia

## RESUMO

O presente trabalho visa narrar a trajetória para chegar ao exercício docente sem ter tido vontade e sim a aceitação. Trata-se da narrativa da experiência docente como reflexão da prática e a aplicabilidade das atividades propostas de maneira que os alunos se sintam como sujeitos do processo ensino-aprendizagem, pois atualmente computadores, smartphones, laptop, tablets e outros fazem parte do contexto dos alunos. O objetivo é relatar o uso de atividades tanto presenciais quanto à distância para complementar o material didático do aluno. Desta forma pretende-se ampliar as práticas pedagógicas com o uso de ferramentas computacionais objetivando minimizar as aulas tradicionais.

Palavras-Chave: Processo de ensino-aprendizagem. Computadores. Aulas tradicionais.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
MEMÓRIAS DA VIDA ESCOLAR.....	11
SER PROFESSORA: COMO CONDUZIR ESSE DESAFIO?.....	15
ATIVIDADES PROPOSTAS E SUAS CONSIDERAÇÕES.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

## 1. INTRODUÇÃO

A Educação vem mudando constantemente em nosso país, pois precisa acompanhar a evolução das outras esferas tão importantes quanto este pilar cujo papel é contribuir para a evolução da sociedade.

Por exemplo, a Educação Infantil, fase importantíssima para a criança, deve ser garantida e assegurada que seja ofertada uma educação de qualidade correspondente à sua faixa etária.

Levando em consideração esta realidade foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) com a finalidade de assegurar a qualidade na educação infantil. O documento afirma que é necessário "estabelecer parâmetros de qualidade dos serviços de Educação Infantil, como referência para a supervisão, o controle e a avaliação, e como instrumento para a adoção das medidas de melhoria da qualidade" (Brasil, 2001, cap. II, item 19 do tópico Objetivos e Metas da Educação Infantil).

A partir de então ficou documentada a necessidade de assegurar a qualidade na Educação Infantil, apesar da importância desta fase, a regulamentação desta fase é recente, mas o Ministério da Educação (MEC) discute essa questão "desde 1975, quando foi criada a Coordenação de Educação Pré-Escolar." conforme Política Nacional de Educação Infantil (Brasil, 2005).

Naquela época as responsabilidades da Educação Infantil, chamada "pré-escola", que atendia a faixa etária dos zero aos seis anos de idade da camada mais pobre do país, fazia parte de um programa específico com convênio direto com instituições comunitárias, filantrópicas e confessionais.

Este programa foi desenvolvido pela Legião Brasileira de Assistência (LBA) do então Ministério da Previdência e Assistência Social, desde 1977, que previa recursos financeiros e também auxílio técnico. Em 1995 a LBA foi extinta em 1995, prevalecendo, no entanto, programa e dotação orçamentária para creche no âmbito da assistência social federal, por meio do estabelecimento desses parâmetros é uma das diretrizes da Política Nacional de Educação Infantil (Brasil, 2005).

A educação infantil mudou muito nos últimos anos, nas décadas de 80 e 90, a qual estudei, não haviam políticas que asseguravam à qualidade do ensino nessa fase, a lei 4024 do dia 20 de Dezembro de 1961 que dizia que em seus artigos 23 e 24 a respeito da escola pré-primária:

Art. 23. A educação pré-primária destina-se aos menores até sete anos, e será ministrada em escolas maternas ou jardins-de-infância.

Art. 24. As empresas que tenham a seu serviço mães de menores de sete anos serão estimuladas a organizar e manter, por iniciativa própria ou em cooperação com os poderes públicos, instituições de educação pré-primária. (BRASIL, 1961).

Entretanto, a lei 5692 revogou os artigos que falavam da educação infantil, deixando somente a educação de 1º e 2º graus, por isso as escolas chamarem EEPG e EEPHG. “Art. 87. Ficam revogados os artigos de números 18, 21, 23 a 29, 31 a 65, 92 a 95, 97 a 99, 101 a 103, 105, 109, 110, 113 e 116 da Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961, bem como as disposições de leis gerais e especiais que regulem em contrário ou de forma diversa a matéria contida na presente Lei. (BRASIL, 1971).

Em 1988 houve a publicação da Constituição Federal A Constituição Federal, em seu art. 227, determina:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988)

Com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases em 1996 foi definida que a Educação Infantil seria prioridade dos municípios, mas esta vem sofrendo alterações. O Ensino Fundamental passa a ser de responsabilidade tanto do Estado quanto dos municípios, assim como Ensino Médio deve ser no âmbito estadual e Ensino Superior dentro da esfera federal.

Infância e adolescência são marcadas pelo ambiente escolar, pois eles passavam e ainda passam boa parte do dia na escola, os professores sempre foram exemplos, e ainda são, por mais que se negue essa possibilidade.

Nos dias atuais as escolas passaram por mudanças, algumas muito drásticas e outras nem tanto, na época em que eu frequentava o jardim da infância, era assim que chamávamos, íamos para a escola e brincávamos bastante, aprendemos a conviver com outras crianças, a respeitar as regras, era muito gostoso, pois era um aprender despretensioso e isso não muda na Educação Infantil.

No Ensino Fundamental, continuávamos cantando, brincando, atualmente parece que a infância encurtou e a adolescência está sendo prolongada. Os alunos concluem o 5º ano, antiga 4ª série e já se autodenominam pré-adolescentes.

Atuei alguns anos na Educação Infantil e percebo que as crianças ainda cantam as mesmas músicas que cantávamos, ainda são agrupadas como éramos e seguem as regrinhas. O brincar é valorizado e o aprendizado é enorme e serão muitas coisas que os aluninhos levarão para toda a vida, lá na Educação Infantil, há o que é de mais importante nas situações de aprendizado, que é aprender por meio de atividades significativas, lúdicas e que envolvem jogos.

Já no Ensino Fundamental I, as crianças não têm o mesmo comportamento que os alunos da minha faixa etária tínhamos. Nesta fase as mudanças foram drásticas, a infância até os seis ou sete anos é parecida, a partir daí começam os comportamentos diferentes da minha geração. Eles têm acesso aos celulares, tablets e em vez de brincar, correr, jogar fazem tudo isso virtualmente.

Prensky (2001) ressalta que “Os alunos de hoje não são mais as pessoas para as quais nosso sistema educacional foi feito”, pois “eles estão acostumados com a velocidade da informação, prestam atenção em várias coisas ao mesmo tempo, funcionam em rede e preferem os jogos ao trabalho “sério”.”.

E agora como professora de Inglês, há onze anos, percebo o quanto é diferente o comportamento das crianças, adolescentes e até mesmo adultos em relação à minha época e isso se dá pelo fato das gerações serem diferentes, pois os contextos são diferentes.

Quando escutei em uma palestra a Viviane Senna, presidente do Instituto Ayrton Senna, dizer que a escola tem de mudar, pois jamais daria certo uma estrutura institucional do séc. XIX, com professores do séc. XX e alunos do séc. XXI, comecei a refletir sobre e pesquisar sobre as possibilidades de mudança para minimizar minha frustração como professora.

Em 2012 em um evento em âmbito global ficaram definidas as habilidades e competências para o ensino, propuseram os 4 Cs, *Communication, Critical Thinking, Cooperation and Creativity*. (comunicação, pensamento crítico, cooperação e criatividade), que foram implementados e citados na BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

Os temas interdisciplinares definidos foram: Consciência Global, Letramento Financeiro, Econômico, Negócios e Empreendedor, Civil, Saúde, Ambiental.

Habilidades e inovações de aprendizado, pensamento crítico e solução de problemas, comunicação e colaboração, para isso foram definidos os temas a serem trabalhados como: habilidades das tecnologias da informação; projeto de vida e habilidades para a carreira profissional, produtividade e responsabilidade, liderança e responsabilidade são os temas que devem ser trabalhados nos ambientes educativos.

Será que nós, professores, estamos indo de encontro à evolução destes alunos ou paramos no tempo? Essa questão me causa angústia e é por isso que gostaria de enriquecer minhas aulas para que tente torná-las mais interessantes e talvez consiga envolver mais meus alunos no processo de construção do próprio conhecimento.

Como fazer que nossos alunos aprendam significativamente? A pesquisadora e professora Vera Cabrera Duarte pesquisa sobre Aprendizagem Significativa desde 1998 e conduz um projeto intitulado: *Living Drama in the Classroom* que tem por objetivo propor tanto teoria quanto práxis em diferentes contextos de ensino e aprendizagem de língua inglesa por meio de peças de teatro. Vejamos o que ela diz sobre o querer.

“talvez a resposta esteja no verbo querer: é o nosso querer que nos leva nesta ou naquela direção; em consequência, é o nosso não-querer ou não saber qual é o nosso querer que nos leva à estagnação, à inércia. Mas o querer é fragmentado, quase constituído pelo querer alheio, diluído no decorrer dos anos, o que faz a capacidade de autodirigir-se tornar-se limitada e por vezes até mesmo inexistente no ser humano.”.  
(DUARTE, 2003)

Quando a autora fala sobre a questão do “querer ou o não-querer” fico me questionando sobre o papel do professor em relação ao engajamento dos alunos, ao aprendizado ser significativo e a questão da aceitação.

Na minha adolescência, por exemplo, não aceitei ser professora, mesmo depois de um teste vocacional sério ter apontado a carreira docente como a mais adequada para o meu perfil, aos quatorze anos, no início da década de 90, os professores nem eram tão desvalorizados como são hoje, mas não correspondia aos meus anseios e sonhos, passar minha vida laboral trabalhando com educação.

Hoje como professora, percebo que nasci para lecionar, mesmo por muitas vezes indo contra o sistema, diria a maioria do tempo. Gosto de lutar em favor de uma educação diferente, centrada no aluno e com menos burocracia, mas sem perder o compromisso e a responsabilidade com o ensino.

O sistema educacional é responsabilidade do poder executivo, legislativo entretanto estes não incentivam um ensino de qualidade, por mais que os documentos norteadores, os quais passam pelas mãos destes poderes, sejam aprovados por eles, acabam sendo contraditórios, pois propõem soluções, entretanto não são colocados em prática e muito menos incentivados para que aconteçam conforme propostos.

As leis, documentos norteadores e até mesmo a Constituição Federal trazem propostas inovadoras, centradas nos alunos e que analisem o contexto, todavia não são colocadas em

prática, pois as propostas de autonomia, pensamento crítico e também criatividade são “dosadas” no ambiente escolar e isso influenciará na cidadania exercida pelos alunos.

De acordo com Resnick (2020) “O pensamento criativo também é exigido fora do local de trabalho. O ritmo da mudança continua acelerando em todos os tipos de atividades, em todos os aspectos de nossas vidas. Os jovens de hoje serão confrontados com situações novas e inesperadas durante toda a vida.”

Quando o autor faz esse tipo de afirmação é possível identificar que é necessário o uso da criatividade além do ambiente escolar, entretanto é na escola que esses comportamentos e atitudes devem ser desenvolvidas, pois os alunos de hoje serão os profissionais de amanhã e terão de desenvolver habilidades tais como “como desenvolver e manter amizades em uma era de redes sociais” e também no âmbito cívico para “ter uma participação significativa em comunidades com limites e necessidades em constante mudança”. (Resnick, 2020, p. 4).

Palfrey e Gasser (2011) afirmam que “Aprender é muito diferente hoje do que era 30 anos atrás. A *internet* está mudando a maneira com que as crianças coletam e processam informações em todos os aspectos de suas vidas”. Então é necessário (re)pensar a forma com que estamos lecionando, para quem estamos lecionando e tentando sempre fazer adequações para oferecer um ensino de qualidade e com um aprendizado eficaz.

Esses pensamentos são casuísticos, pois como docente é necessário refletir se a prática está fomentando a criatividade e de fato proporcionando autonomia, criatividade e também protagonismo no ambiente escolar.

Os resultados de pesquisas apontam para um cenário contrário ao ideal, já que o Brasil está em decadência nos índices internacionais de educação tais como o PISA (*Programme for International Student Assessment*)<sup>1</sup> que na última edição realizada em 2018 colocou nosso país em 57º lugar dentre os 79 países que participaram da edição.

Quando lemos algo em relação ao desempenho da educação tanto em âmbito nacional quanto internacional fico pensando em como melhorar minha prática e o que precisamos fazer para que possa contribuir para que esses índices melhorem, para que a Educação Brasileira melhore, não só para ter bons índices, mas para que possamos evoluir

---

<sup>1</sup> O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), tradução de Programme for International Student Assessment, “é um estudo comparativo internacional realizado a cada três anos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O Pisa oferece informações sobre o desempenho dos estudantes na faixa etária dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países, vinculando dados sobre seus *backgrounds* e suas atitudes em relação à aprendizagem, e também aos principais fatores que moldam sua aprendizagem, dentro e fora da escola.

consideravelmente e proporcionar uma educação significativa e atraente aos nossos alunos, pois as aulas, incluindo as minhas, são muito chatas.

## 2. MEMÓRIAS DA VIDA ESCOLAR

As crianças costumam brincar de ser professores e imitam o ambiente escolar, quando eu era criança sempre brinquei de escolinha e na maioria das vezes era a professora e tinha como parâmetro minhas professoras.

Nasci em São Bernardo do Campo, SP em agosto de 1978, meu pai era metalúrgico e minha mãe dona de casa. Morávamos em São Bernardo do Campo e iniciei minha caminhada escolar em uma pré-escola no bairro do Jardim Belita.

Minha primeira professora foi a tia Cristina, estudei por dois anos naquela escola e no segundo ano minha professor foi a tia Bete. Há lembranças muito bacanas daquela escola, ela ficava no alto e tinha um lindo jardim, cheio de hibiscos, naquela época, eu dizia que eram as “florzinhas” vermelhas que tinham um “melzinho” no fundo. O parquinho, era assim que o playground era chamado, era enorme e tinha vários brinquedos, escorregadores, gira-gira, trepa-trepa e os meus favoritos: balanço e gangorra.

De acordo com Resnick (2020) “um parquinho oferece às crianças mais espaço para se mover, explorar, experimentar e colaborar. Se você observá-las em um parquinho, inevitavelmente verá que elas criam suas próprias atividades e jogos, e, nesse processo, tornam-se pensadoras criativas”, as memórias do parquinho são muito boas e realmente a fase de explorar e criar algumas brincadeiras faziam parte do nosso contexto.

Atuando por períodos distintos na Educação Infantil é possível perceber que é nesta fase da educação que tanto autonomia quanto criatividade são praticadas, na minha percepção quanto mais os alunos vão crescendo, menos são estimulados e não consigo tirar da cabeça a música e também vídeoclipe da banda britânica da década de 60 *Pink Floyd* na sua canção *Another Brick in the Wall*<sup>2</sup>.

Quando na música as crianças reclamam de não ter uma educação criativa, de não querer se moldar ao sistema e ser mais um tijolo na parede, é para se pensar como era, e ainda

---

<sup>2</sup> We don't need no education  
We don't need no thought control  
No dark sarcasm in the classroom  
Teachers leave us kids alone  
Hey! Teachers! Leave us kids alone!  
All in all it's just another brick in the wall.  
All in all you're just another brick in the wall - .

é a escola e os sistemas educacionais. Crianças narram que a escola é um lugar cheio de sarcasmo, exposições e regras que atendem aos interesses do sistema. Sinto-me incomodada em pensar que posso estar fazendo isso com meus alunos.

Meu ensino fundamental, antigo primário, foi realizado em duas escolas estaduais no município de São Bernardo do Campo, cursei da 1ª até a 3ª série na escola EEPSPG Jornalista Vladimir Herzog, meu primeiro ano foi muito legal, minha professora, a D. Idália era uma senhora descendente de japoneses, bem rígida foi minha professora por dois anos, naquela época falávamos Ciclo Básico.

O ano era 1984, estávamos saindo da ditadura militar, e nem fazia ideia na época que Vladimir Herzog foi vítima do regime militar brasileiro, não sabíamos as histórias dos patronos das escolas, acredito pelo fato de sermos muito jovens para aprender.

O nosso maior desafio era fazer o cabeçalho da escola, com as letras H, Z, enfim, que não eram comuns nas palavras aprendidas naquela fase. Ainda cursei a terceira série naquela escola, não me lembro do nome da professora, mas não aguentava mais ser a primeira aluna a ser pega pelo transporte escolar e a última a ser devolvida.

Enfim, na quarta série, em 1987, comecei a estudar em uma escola novinha, inaugurada na frente de minha casa, era a escola mais nova da cidade de São Bernardo do Campo, seria uma escola modelo e não teria alunos muito grandes do colegial. EEPG Profa. Maria Auxiliadora Marques, meus pais estavam muito felizes e participavam da APM da escola, era nossa segunda casa.

Minha mãe começou a trabalhar na cantina da escola, meu pai era muito amigo da diretora que frequentava nossa casa, arrecadaram dinheiro com festas beneficentes e construíram outra quadra na escola, minha família participava ativamente da minha vida escolar. Saí de lá quando concluí a oitava série em 1991.

Tivemos uma formatura no auditório do Senai Mário Amato, depois a missa na Capela da FEI e um baile de formatura em uma casa noturna bastante famosa na época, o Ilha de Capri. Foi o máximo.

Naquela época, meu pai queria que eu fizesse um curso técnico, e por ser professor no SENAI, gostaria que eu estudasse na instituição onde ele trabalhava, já que havia um na rua de nossa casa, mas os cursos que tinham ali não me interessavam, eram cursos técnicos em: Cerâmica, Plástico e Química.

Na verdade, com treze anos eu não sabia nada do que queria estudar. Falava para o meu pai que não sabia que eu não tinha ideia de que curso escolher. Foi neste momento que meu pai decidiu que eu deveria fazer orientação vocacional, achava o máximo.

O resultado desta orientação foi uma sugestão para cursar magistério, entretanto eu não quis, uma adolescente, estudar para ser professora, não aceitei aquele resultado, jamais estudaria por quatro anos enquanto minhas amigas estudariam somente três.

Perguntamos à psicóloga responsável, quais seriam outras opções e ela passou algumas como secretariado e relações internacionais. Sempre gostei de Inglês, estudava desde os oito anos, sonhava em viajar para fora do país para conhecer meus ídolos, mas não tinha maturidade suficiente para saber o quanto saber outra língua estaria presente na minha vida.

O primeiro ano do colegial foi cursado em uma escola chamada EEPSSG Eng. Francisco Prestes Maia, também em São Bernardo do Campo, já que a escola do meu bairro não tinha colegial. Era a escola em que meus primos estudavam, eu ia de ônibus para a escola, era uma delícia, nesta época, não queria mais meus pais na escola o tempo todo.

Concluí o primeiro ano e fui para um colégio particular cursar secretariado, pois durante o primeiro colegial meu pai me cobrava o tempo todo sobre uma posição do que gostaria de estudar, pois não queria que eu fizesse colegial normal, era chamado assim.

Para fazer o curso técnico fui matriculada no Colégio Brasília para cursar secretariado, fiz adaptação de duas matérias técnicas que as alunas tiveram no primeiro ano que eu não havia cursado naquela escola. Somente em 1997 consegui concluir o curso técnico, já que fiz dependência de matemática referente a segunda série, em 1996 e 1997.

O curso técnico era ótimo, mas foi muito conturbado para mim, pois não gostava daquilo, fazia para poder ingressar no mercado de trabalho e na verdade, jamais me tornaria professora, cuidar de crianças, não era o que eu sonhava para mim.

Durante os anos de 1997, 1998 não estudei, eu decidi me casar, tive meus filhos em 1997 e 1998, em setembro de 98 me separei e somente em 2000 decidi fazer faculdade. Ingressei na Universidade Metodista de São Paulo, em SBC no curso de Administração de Empresas com ênfase em e-commerce, já que eu trabalhava em uma grande empresa de comércio eletrônico.

Em maio de 2001 resolvi me mudar para Votuporanga, com meus pais que já moravam aqui desde dezembro de 2000. Não pensava em voltar a estudar, pois o curso de Administração não era o que eu desejava cursar, não gostava.

Em 2005, resolvi que voltaria a estudar e escolhi o curso de Pedagogia, mas uma professora de matemática dos meus filhos me incentivou a fazer uma licenciatura e depois cursar pedagogia, para ter mais opções de aula. Fiz dois vestibulares, duas instituições privadas, uma presencial e outra a distância com encontros semanais, ambas com 8 semestres de curso.

Optei por cursar Letras, presencial e iniciei minha graduação em 2006, concluí em 2009 e aos 31 anos havia me tornado professora. Meu curso foi financiado pelo FIES e quem pagava os cinquenta por cento que me cabia era meu tio, irmão do meu pai, pois estávamos em uma situação financeira bastante complicada.

Foram quatro anos de muita luta, pois fazia bastante tempo que eu não estudava e ainda tinham disciplinas bastante específicas da área. Consegui concluir com sucesso, isso contribuiu muito para a motivação de aprender a gostar de estudar.

Em minha família, diferentemente das demais, não temos tantos professores, a maioria resolveu fazer engenharia, ser profissional liberal e talvez por morarem na capital, São Paulo, optaram por cursar Administração de Empresas, escolha também feita por mim, mas que não houve sucesso.

Fui a primeira da minha turma a ingressar no mercado de trabalho em 17 de janeiro de 2010 iniciei minha carreira de professora de Língua Inglesa no Ensino Fundamental II de uma escola privada em Quirinópolis, interior de Goiás.

Não conseguiria sobreviver em uma cidade com custo de vida tão alto somente com 6 aulinhas de Língua Inglesa, fiz um concurso para ingressar numa prefeitura da cidade de Inaciolândia, há 56 quilômetros de Quirinópolis e assumi um quarto ano. Sem ter formação em pedagogia, mas foi uma experiência bacana, talvez ali tenha me motivado para iniciar um curso de Pedagogia, mas o foco naquele momento era trabalhar.

Queria me especializar, em 2010, fiz inscrição para fazer uma prova de mestrado na UFU, mas acabei não indo fazer a prova, pois seria muito difícil ir até Uberlândia, já que morava somente com meus filhos em Quirinópolis, pois meus pais moravam em SP.

Várias oportunidades apareceram, trabalhei pelo estado, em outras escolas privadas e de idiomas, tanto como professora de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e também num terceiro ano do Ensino Fundamental, claro que com uma ressalva, que houvesse uma professora de matemática, pois sempre apresentei dificuldades em matemática.

Em março de 2012 resolvi voltar para Álvares Florence, estado de São Paulo, e consegui aulas no estado em uma escola em Américo de Campos e aulas de Inglês em escolas de idiomas. Queria me especializar, procurei a instituição que estudei, mas não tinha nenhum curso na área de Língua Inglesa.

Em 2013, resolvi me inscrever num curso de especialização na UNESP de São José do Rio Preto e concluí em 2014, foi fantástico, me motivei a prestar uma prova para o mestrado em 2015, mas infelizmente não consegui. De lá pra cá, nunca mais tentei. Neste

mesmo ano consegui me efetivar no município de Américo de Campos e atuo com ensino de Língua Inglesa nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Trabalho em várias escolas, três para ser mais exata e amo dar aulas, todos os anos sempre tive vontade de cursar pedagogia, mas a questão financeira e ter de ir todas as noites para a faculdade não eram fatores motivadores para eu ingressar. Em 2014, até tentei iniciar um curso de complementação curricular para conseguir o certificado em Pedagogia, mas não gostei e resolvi desistir, com várias pessoas me criticando por isso, inclusive patrões.

Em 2017 tiveram dois vestibulares em Votuporanga para cursar Pedagogia a distância de instituições confiáveis, que não seria um curso de “fachada”, resolvi me inscrever e consegui ingressar para iniciar a tão sonhada Licenciatura em Pedagogia pela UFU, universidade conceituada que lá no passado já havia sonhado em estudar.

Apaixonei-me pela Educação Infantil e as angústias são inúmeras em relação a chegada dos alunos ao Ensino Fundamental II despreparados, como funciona o processo de alfabetização esses questionamentos foram os estímulos para que eu cursasse pedagogia.

Ser professora não foi uma escolha fácil, pois em nosso país há pouco reconhecimento, mas mesmo assim, talvez por estar em uma cidade bem pequena no interior de São Paulo resolvi cursar Pedagogia, mas como dito anteriormente, foi trocado na semana anterior ao início das aulas por Letras, para aproveitar o curso de inglês de uma vida inteira.

O campo de atuação de um licenciado em Pedagogia é bastante amplo, minha tia, por exemplo, atuou muito tempo em um hospital, hoje está na escola, mas a primeira oportunidade como pedagoga, para surpresa da maioria, não foi em uma escola.

Com o curso de licenciatura em Pedagogia estou conseguindo perceber que as angústias não são exclusivamente minhas, há pessoas engajadas na causa educacional em nosso país, apesar de uma grande maioria ainda preferir aproveitar os anos de Licenciatura em outras áreas para fazer complementação, também uma opção minha, sem sucesso.

As pessoas criticam escolher um curso a distância em oito semestres, ao invés de obter um “certificado” em seis meses, entretanto não é meu propósito realizar um curso desses, quero aproveitar o máximo essa experiência para aprender o máximo que eu conseguir.

### 3. SER PROFESSORA: COMO CONDUZIR ESSE DESAFIO?

O fato de trabalhar com uma geração que realiza tudo utilizando o celular nos faz refletir a prática pedagógica e por vezes nos sentimos perdidos para cumprir todas as exigências e conseguir alcançar o objetivo prioritário que é fazer com que os alunos aprendam Inglês, pelo menos para estarem aptos a ler e compreender um texto e resolver as questões do ENEM, entretanto o contexto escolar é desinteressante e nada motivador para professores e alunos.

Minha realização pessoal é ser professora, trabalhei em grandes empresas, bancos e até mesmo em uma empresa familiar, não consigo imaginar minha vida sem ser professora, tão interessante que na adolescência não cogitava essa possibilidade. O teste foi pontual e muito assertivo, entretanto não quis, não aceitei, pois acredito que não tinha maturidade e se tivesse feito, talvez ficaria me lamentando até hoje, por não ter escolhido outro caminho.

Almejo ser aquela professora lembrada por meus alunos não por ter sido a professora bacana, e sim como aquela professora que queria ensinar, queria apresentar novas possibilidades como meus professores foram para mim.

Para isso é importante sempre refletir sobre a prática docente e também em como usar os recursos diversos para tornar a aula menos chata, acredito que por meio de TIDCs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação).

Quando se trabalha com uma geração que realiza a maioria das atividades utilizando recursos tecnológicos como o celular, uma reflexão sobre como tornar as aulas mais atrativas e que promovam engajamento, motivam um estudo sobre as metodologias ativas e a tentativa de estar imerso nessa realidade.

É fato que adequar as TDCIs no ambiente escolar é um desafio, em todos os sentidos, no quesito recursos da escola, tais como acesso à internet, equipamentos para todos os alunos, o uso do celular, que era quase um crime até antes da Pandemia do Coronavírus em março de 2020 e também a quebra de paradigmas sobre controlar aquilo que os alunos estavam acessando.

Ao ler o autor que cunhou o termo Nativos Digitais<sup>3</sup> é possível notar que um dos fatores tratados por ele é de que há divergência entre as gerações que atuam na educação. Prensky (2001) ressalta que “Os alunos de hoje não são mais as pessoas para as quais nosso sistema educacional foi feito”, pois “eles estão acostumados com a velocidade da informação, prestam atenção em várias coisas ao mesmo tempo, funcionam em rede e preferem os jogos ao trabalho “sério”.”

---

<sup>3</sup> *Digital Natives. Our students today are all “native speakers” of the digital language of computers, video games and the Internet. (PRENSKY, 2001, p.1)*

O autor ressalta como os imigrantes digitais lidam com a questão de ter de desenvolver habilidades que fazem parte do contexto dos nativos digitais e trata da dificuldade em desenvolvê-las para que a prática pedagógica seja efetiva.

As gerações e os acontecimentos culturais, políticos e socioeconômicos influenciam a forma de pensar, agir e se relacionar de pessoas que nascem e vivem em diferentes épocas, por isso a visão de mundo de cada geração não é igual.

Há uma divergência entre os anos em que começam e terminam cada uma das gerações, segue uma possível divisão:

- Baby Boomers (nascidos entre 1946 e 1964),
- Geração X (1965-1980),
- Geração Y ou Millennials (1981-1996),
- Geração Z (1997-2010) e
- Geração Alfa, que compreende os nascidos a partir de 2010.

Estamos lidando com alunos lidando com os alunos da Geração Z e Geração Alfa, que já são nativos digitais. Pensam somente sobre coisas diferentes, mas pensam diferentemente sobre as mesmas coisas, ou seja lidam de formas diferentes com as atividades cotidianas, tais como o aprender e estudar, pois de acordo com Prensky (2001) “ o processo cognitivo, por si só, é mais maleável do que a psicologia convencional supôs”<sup>4</sup>.

Desta maneira pensar em como tornar as aulas mais significativas para os alunos faz parte da práxis dos professores que geralmente são da Geração X e estão lidando com as Gerações muito distantes, portanto é necessário tentar entender as especificidades e características dessas gerações.

Para Palfrey e Gasser (2011) “O simples fato de os Nativos Digitais não aprenderem as coisas da mesma maneira que os seus pais aprenderam, não significa que não estejam aprendendo.

Por conta desses fatores e também da disciplina que atuo, resolvi iniciar o processo de inserir atividades mais gamificadas para meus alunos, com o intuito de trabalhar com novas tecnologias de informação para que pudéssemos estar conectados e na tentativa de trazer o mundo deles para a sala de aula, já que o engajamento era mínimo.

Toda essa caminhada pelo uso das TDICs começou com a reflexão de uma fala do meu filho dizendo: "aprendi mais inglês nos jogos do que nas aulas”, aquela fala me deixou triste, mas me alertou para as aulas chatas que eram ministradas na escola regular, voltada

---

<sup>4</sup> Prensky (2001) “*cognitive processes themselves are just far more malleable than mainstream psychology assumed.*”

para a gramática, ensino de vocabulário e técnicas de leituras para textos autênticos ou para fins didáticos que não eram de interesse dos alunos.

Interessante que a professora de Inglês do meu filho era eu.

Prensky (2001) sugere que os educadores devem aprender a lidar com as habilidades requeridas pelos “novos” aprendizes, pois caso não haja a adequação, a escola se tornará um ambiente muito difícil de atrair a atenção e produzir de fato conhecimento.

Frequentemente os alunos perguntavam para mim a tradução de algumas gírias e comandos utilizados em jogos, pois eles vivem jogando, vivem aceitando desafios e estimulados a superar suas expectativas tentando alcançar o próximo nível e zerar os jogos.

Adoram conversar com “gringos” nos joguinhos, confessam ter de usar o tradutor para manter a comunicação e se sentirem inseridos naquele mundo que é o contexto dos Nativos Digitais.

O acesso à *internet* quebrou barreiras geográficas e conseqüentemente globalizou as gerações, hoje um aluno pobre consegue ter a mesma aparência e as mesmas preferências que as crianças mais ricas, ou pelo menos ela sabe o que as crianças ricas gostam, como vivem e os seguem nas principais redes sociais.

As crianças das gerações Y e Z pensam de forma diferente, pois desenvolvem *hypertext mind*, que compreende ter a habilidade de aprender por meio de atividades multidisciplinares e atividades paralelas, com metodologias ativas que estejam envolvidas no processo para aprender, conforme citado no artigo de Prensky.

Ouvir aquela música do BTS que mistura a cultura sul-coreana (K-Pop) com hits estourados cantados em Inglês, ou jogar FreeFire que atualmente tem uma versão em Português, faz com que os alunos queiram saber inglês, mas não suportam as aulas, pois não falam, não conversam com pessoas, mesmo que por aplicativos de mensagens instantâneas e sempre estudam as conjugações verbais e as estruturas normativas da Língua!

Partindo desta premissa, há uma discussão entre as práticas pedagógicas dos professores e o envolvimento dos alunos com as atividades propostas, pois Duarte (2003) relaciona “dificuldade de conduzir nossa aprendizagem em direção aos nossos verdadeiros interesses vincula-se à necessidade de avaliação do outro”.

Atividades mais autônomas, tais como produzir um cartaz em Inglês com as estruturas ou vocabulário estudado utilizando recursos midiáticos ou dublar uma das músicas ou trechos do filme/série prediletos usando os famosos aplicativos de vídeos, cantar um trecho de uma

música que gostam, falar sobre as experiências com livros que leram e produzir cartazes, vídeos ou até mesmo enviarem um trabalho utilizando aquilo que faz parte do contexto deles, tornaram as aulas menos pesadas.

Duarte (2003) vem sugerindo que as atividades não devem ter foco no professor e sim nos alunos, para que supra a necessidade do professor de que o aluno “queira” ou esteja pelo menos interessado em querer escutar/aprender aquilo que se tem a dizer.

A autora defende o ponto de vista que “o querer é imprescindível no processo de aprendizagem - especialmente se acreditamos que aprendizagem é envolvimento pessoal, é auto-iniciada, é pervagante e avaliada pelo próprio aluno”, portanto atividades que sejam do interesse dos aprendizes fazem a diferença no querer ou não.

Ao propor atividades que fazem parte do contexto do aluno, com foco nele é propício para que eles percebam enfim que o Inglês é a língua franca, que utilizarão para tudo e que está incorporada em nosso dia a dia.

Aquelas falas comumente escutadas por todos professores de Inglês do Brasil tais como: “mas eu não sei nem português, como saberei inglês”, “mas o texto está em inglês, teacher!”, “eu não consigo entender nada” e “o trabalho tem que ser em inglês?”, diminuíram consideravelmente, pois os recursos de tradução, os joguinhos de trilhas e aplicativos de letras de músicas facilitam o aprendizado.

A Aprendizagem Significativa requer a prática reflexiva e mudança de atitude, de comportamento e até mesmo quebrar alguns paradigmas para que aconteça de fato a “transformação de valores em relação a nós mesmos, aos outros e à própria forma de aprender”, defendida por Duarte (2003) e que está inteiramente ligado ao cotidiano dos alunos.

As autoras Araújo e Carvalho (2018) afirmam que a gamificação está sendo integrada às práticas educativas promovendo motivação e engajamento dos alunos nas atividades propostas. O termo gamificação foi conceituado pela primeira vez por Deterding et al. (2011, p. 10) “Gamificação é o uso dos elementos de design de jogos em contextos que não são de jogos”<sup>5</sup>.

Em um curso realizado entre o início de 2019 e o término no início de 2020, intitulado “Tecnologia e Gamificação Aplicada ao Ensino: Formação Docente, criatividade e inovação

---

<sup>5</sup> “*Gamification is the use of game design elements in non-game contexts*” Tradução minha.

em sala de aula”, muito foi discutido sobre algumas técnicas e estratégias para o engajamento dos alunos e a reflexão sobre as práticas docentes.

Propus aos meus alunos do 2º Ano do Ensino Médio no início de março de 2020 que criassem um jogo utilizando um aplicativo para que os colegas pudessem jogar, eles fizeram, reclamaram um pouquinho, pois foram disponibilizados tutoriais para que aprendessem a criar o jogo, formular questões, pois alegavam que esse papel era do professor.

Senti que eles estavam se sentindo inseguros, pois estavam saindo da sua zona de conforto. Entretanto com bastante paciência e persistência quase todos entregaram e disseram que foi uma grande experiência.

Partindo dessa proposta PAIVA (2010) afirma que “com a influência predominante da teoria sociocultural no ensino de línguas, as palavras de ordem são: interação, mediação, colaboração e construção social do conhecimento”, portanto características como: interação e a colaboração, ou seja, o aprender com o outro, são bastante apreciadas para a atual realidade escolar.

#### 4. ATIVIDADES PROPOSTAS E SUAS CONSIDERAÇÕES

Gamificar as aulas não significa somente oferecer jogos, mas sim criar desafios e incentivar os alunos a cumprirem os desafios e aprenderem por meio destes. Há muitas maneiras de aplicar as metodologias ativas que têm por objetivo ter o aluno como protagonista de seus aprendizados.

Com a pandemia da Covid-19, muito se falou a respeito de um ensino remoto, ensino híbrido e até mesmo de Educação a distância, mas o que houve foi uma exemplificação de que podemos integrar várias modalidades para que o aluno realmente seja sujeito no processo de ensino aprendizagem e também possa exercer sua autonomia tão defendida nos documentos norteadores e tão pouco praticadas nos ambientes escolares.

Para Moran (apud. BACICH, 2015) a escola mesmo antes do período pandêmico já era híbrida, mas as metodologias podem auxiliar os professores no processo de aprendizagem significativa.

“Na educação, acontecem vários tipos de mistura, *blended* ou educação híbrida: de saberes e valores, quando integramos várias áreas de conhecimento (no modelo disciplinar ou não); de metodologias, com desafios, atividades, projetos, *games*, grupais e individuais, colaborativos e personalizados. Também falamos de tecnologias híbridas, que integram as atividades da sala de aula

com as digitais, as presenciais com as virtuais.”. (MORAN, apud. BACICH, p. 28, 2015.)

Recursos como ferramentas que podem ser acessadas de qualquer aparelho conectado à internet facilitam e acabam instigando os alunos a saírem do convencional caderno, caneta, livro e passam a poder buscar e pesquisar os conteúdos formais da maneira que mais lhes convém.

As ferramentas utilizadas pelos alunos são geralmente para o entretenimento, eles não estavam acostumados aos recursos e aplicativos educativos, apesar de ter mais de cinco anos tentando inserir o uso de metodologias ativas, o pensamento dos alunos permanece muito tradicional, pois como comentado anteriormente, o ensino tradicional e as atividades quantitativas estão impregnadas no ambiente escolar.

Os alunos ainda sentem-se inseguros ao usar tablets, celulares e até mesmo computadores para realizar suas atividades escolares, e os jogos vão desmistificando a realidade deles. A concepção de realizar uma prova quantitativa ainda é para os alunos a única maneira de serem avaliados, precisam ter a avaliação escrita para que sejam avaliados.

As práticas com jogos do tipo Quiz foram inseridas em minhas aulas no início do ano de 2017, a princípio com atividades de revisão de conteúdos de cunho gramatical preparando-os para as avaliações convencionais.

O aplicativo Kahoot que trás a possibilidade do professor criar o quiz e o aluno escolhe a alternativa correta e mostra ali em tempo real cria um ambiente agradável entre os discentes, há competição, porém algo leve, já que os critérios para se obter mais pontos é a agilidade em escolher a alternativa correta.

A impressão que se tem é que as aulas são por natureza chatas e não se pode aprender jogando, pois para a maioria dos gestores, colegas e para alunos e seus responsáveis o ambiente escolar deve ser idêntico ao ambiente que eles estudavam.

São poucos os que aceitam as mudanças e enxergam como uma possibilidade de incentivar e motivar os alunos a participarem ativamente do seu processo de aprendizagem fazendo algo que gostam, já que o ensino ainda está ligado aos conceitos de punição.

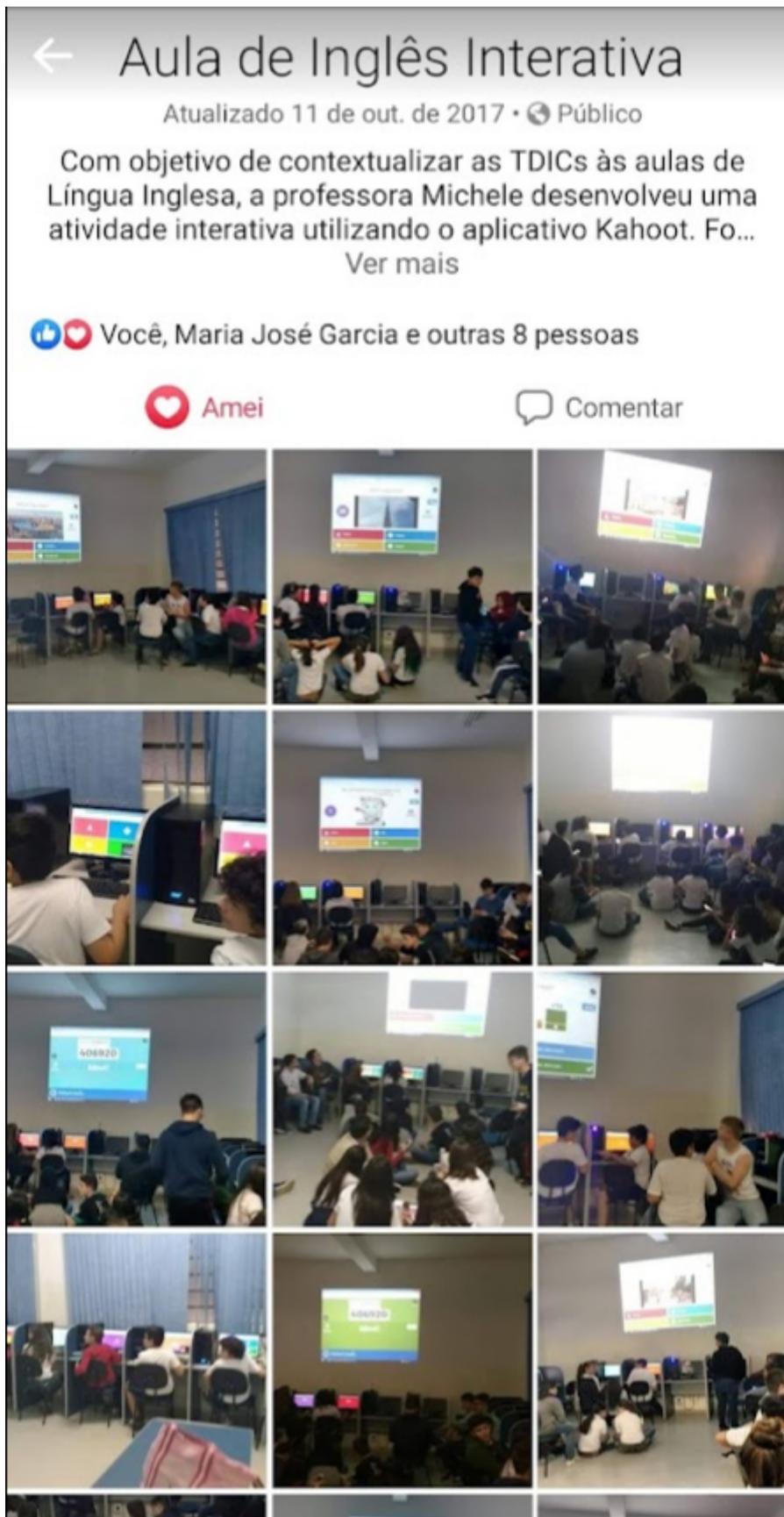


Figura 1: Utilização do Kahoot para aulas com alunos do Ensino Fundamental II - Disponível no perfil do Facebook da escola.

A utilização das TDCIs auxilia neste processo de tornar significativo o aprendizado, entretanto é possível fazer atividades que não necessitem de um recurso tecnológico para criar um ambiente de competição de maneira saudável.

Com a integração dos temas transversais o assunto sobre alimentação saudável é trabalhado constantemente e nas turmas dos sextos anos o material adotado trazia o vocabulário de alimentos em forma de esculturas com alimentos.

Foi proposto uma aula para que os alunos trouxessem alimentos e fizessem suas esculturas e depois pudessem comer seus trabalhos, mas antes teriam de gravar vídeos para falar quais alimentos estavam presentes em suas obras de arte.

Os alunos se sentem inseguros em apresentar produções deles mesmos, eles se sentem mais confortáveis em novamente fazer uma avaliação escrita e provar que aprenderam ou simplesmente memorizaram listas de vocabulários, apresentá-los de forma oral, nunca havia sido feito com eles.

O clima de competição, ver as esculturas dos colegas, trabalhar em equipe não são convencionais, são atividades trabalhosas, que requerem monitoramento, que causam conflitos, mas são as que mais se envolvem e acabam aprendendo brincando e de maneira significativa.



Figura 2: esculturas de frutas confeccionadas por alunos. (Arquivo pessoal.)

No ensino de inglês, principalmente para crianças ainda não alfabetizadas é necessário fazer relações de imagens com sons e a ortografia das palavras não é apresentada para esta faixa etária e aplicativos contendo jogos auxiliam no aprendizado.

Para Kim (et al., 2018) a gamificação não é somente com o intuito de proporcionar divertimento, é um método instrucional que pode ser usado para ressaltar a efetividade do processo de aprendizagem dos alunos<sup>6</sup>.

Principalmente para crianças, que ainda não dominam o sistema alfabético é importantíssimo o uso de jogos, pois a ludicidade faz com que os alunos pequenos consigam aprender vocabulário.



Figura 3 - aluna utilizando um jogo pelo aplicativo do material, vocabulário sobre partes do corpo. (Arquivo pessoal)

Durante um curso, conheci a linguagem de programação gratuita que se chama Scratch para tentar desenvolver joguinhos para disponibilizar para os alunos pequenos que não compravam um material que tivesse jogos consegui programar joguinhos com figuras e voz de frutas para que pudessem utilizar desses recursos com a finalidade de memorizar o vocabulário.

O jogo programado no *Scratch* por mim, não ficou com resoluções tão profissionais, mas foi disponibilizado o link para os alunos da Etapa II da Educação Infantil e eles jogaram e conseguiram reforçar o vocabulário.

---

<sup>6</sup> Gamification is not just designed for learner fun and enjoyment. It is also an instructional approach that can be used to enhance the effectiveness of instruction on student learning. (KIM, 2018) “Tradução minha”



Figura 4: Jogo desenvolvido pelo *Scratch*.

De acordo com Kim (2018), com a gamificação é possível:

- Aumentar o engajamento e a motivação dos estudantes;
- Ressaltar os desempenhos de aprendizagem e acadêmicos;
- Melhorar as recuperações e retenções;
- Proporcionar uma devolutiva instantânea para os alunos;
- Catalisar mudanças comportamentais;
- Permitir aos próprios alunos a checar o seu próprio progresso;
- Promover habilidades colaborativas.<sup>7</sup>

Ao proporcionar atividades gamificadas, sejam elas por meio de quizzes, jogos, atividades que usam tabuleiros, que têm a essência dos jogos, mas são manuais, me fizeram pensar o quanto são atividades mais significativas para os alunos, eles se envolvem mais, acham mais interessante do que realizar as atividades de maneira convencional usando livros, cadernos e lápis.

Muitas vezes na rede de ensino privada ou em cursos de idiomas há muito mais recursos que nas redes públicas, pelo fato de trabalhar tanto na rede privada de escolas

<sup>7</sup> • Increase student engagement and motivation.  
 • Enhance learning performance and academic achievement.  
 • Improve recall and retention.  
 • Provide instant feedback on students' progress and activity.  
 • Catalyze behavioral changes.  
 • Allow students to check their progress.  
 • Promote collaboration skills. (Kim, 2018, p. 5)

regulares, cursos de idiomas e no ensino público, faz com que reflitamos sobre a desigualdade de recursos físicos ou humanos.

A maioria dos professores de escolas regulares do ensino público não se sentem motivados a realizar atividades diferenciadas, já que não há incentivo para os alunos de fato aprenderem inglês, até mesmo os documentos norteadores e os materiais trabalham mais com a habilidade de leitura e estratégias para que se leia, as outras habilidades, escuta, escrita e fala, geralmente não são trabalhadas o que acaba desmotivando a todos envolvidos no processo.

Criar um quiz ou um jogo para os alunos faz parte da rotina do professor, entretanto pedir aos alunos para criarem um jogo parece ser mais significativo. Após pensar muito em como propor resolvi fazer essa proposta aos meus alunos do segundo ano do Ensino Médio após revisarmos um conteúdo, como instrumento de avaliação.

Foi solicitado que utilizassem o Hot Potato<sup>8</sup> com a finalidade de criar um jogo utilizando os recursos e poderia ser uma palavra cruzada, um exercício de preencher lacunas, algo com vídeo ou músicas e incentivá-los a colocar em prática a criatividade, a autonomia e a tomada de decisões que é proposta nos documentos norteadores.

Os documentos norteadores da educação brasileira, no ensino de inglês, trazem conceitos de Vigotsky (2007) que defende a inter-relação do aprendizado e do desenvolvimento desde o primeiro dia de vida do indivíduo, embora frise que não são a mesma coisa e nem ocorrem em paralelo, já que ele defende a tese que a aprendizagem acontece antes do desenvolvimento.

Houve um conceito desenvolvido por Vigotsky que se chama Zona de Desenvolvimento Proximal que trás a concepção de que o aprendizado acontece em dois níveis: desenvolvimento real e desenvolvimento potencial, ambos trazem a solução de problemas o primeiro sem a interferência de outras pessoas ou materiais e o segundo com a colaboração de outras pessoas com o intuito de mediar.

Os alunos receberam um tutorial que ensinava como baixar o programa e outro para que trazia dicas de uso, mas eles teriam de pesquisar e tentar desenvolver a atividade sem muita interferência, a única exigência foi utilizar o conteúdo: Verbos auxiliares em inglês.

---

<sup>8</sup> The *Hot Potatoes* suite includes six applications, enabling you to create interactive multiple-choice, short-answer, jumbled-sentence, crossword, matching/ordering and gap-fill exercises for the World Wide Web. Hot Potatoes is freeware, and you may use it for any purpose or project you like. It is not open-source. Disponível em: <https://hotpot.uvic.ca/>. Acesso em 22 out. 2021.

Os alunos enviaram, muitos tentaram se render já nas primeiras dificuldades e outros se sentem motivados, entretanto é compreensível, pois não há muitas atividades na escola em que têm de criar algo.

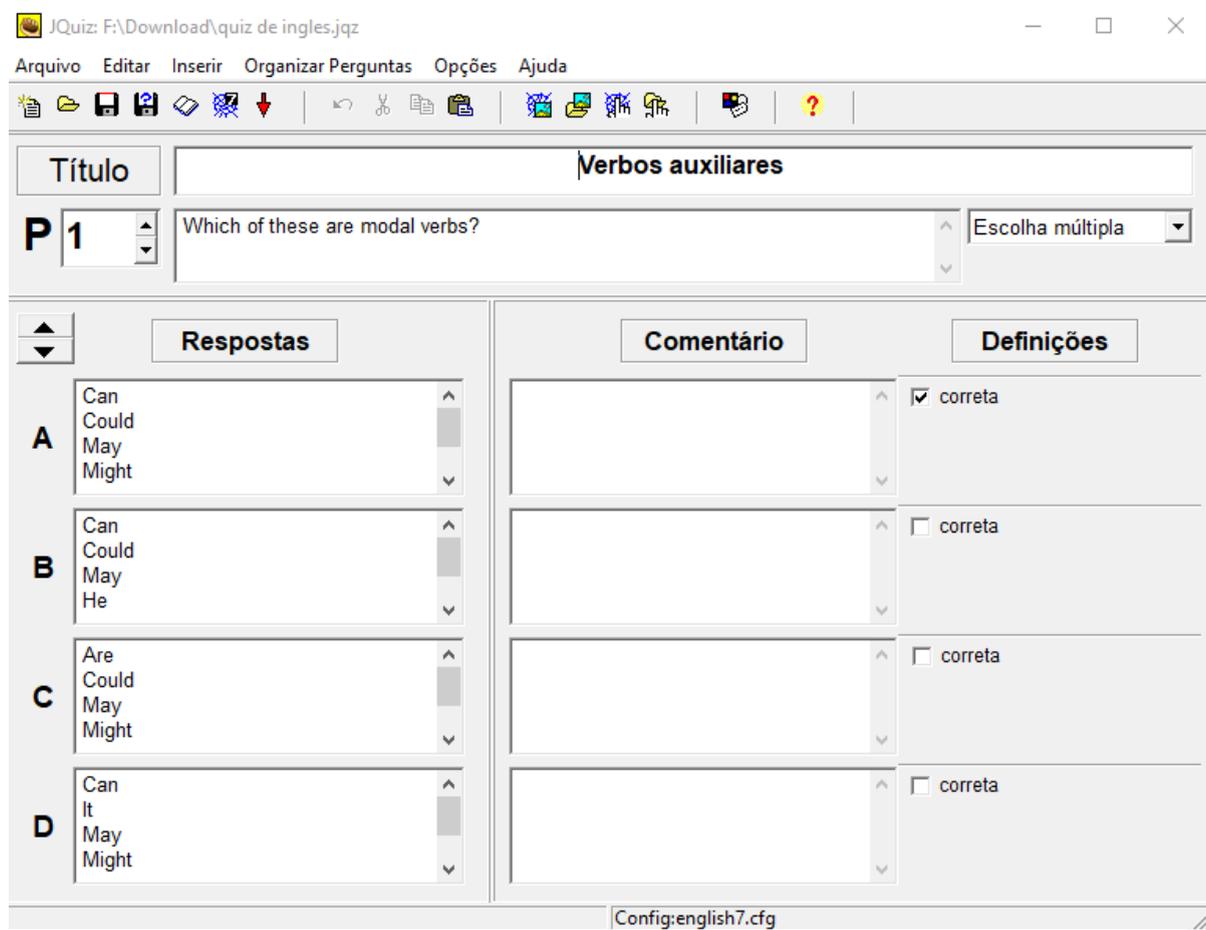


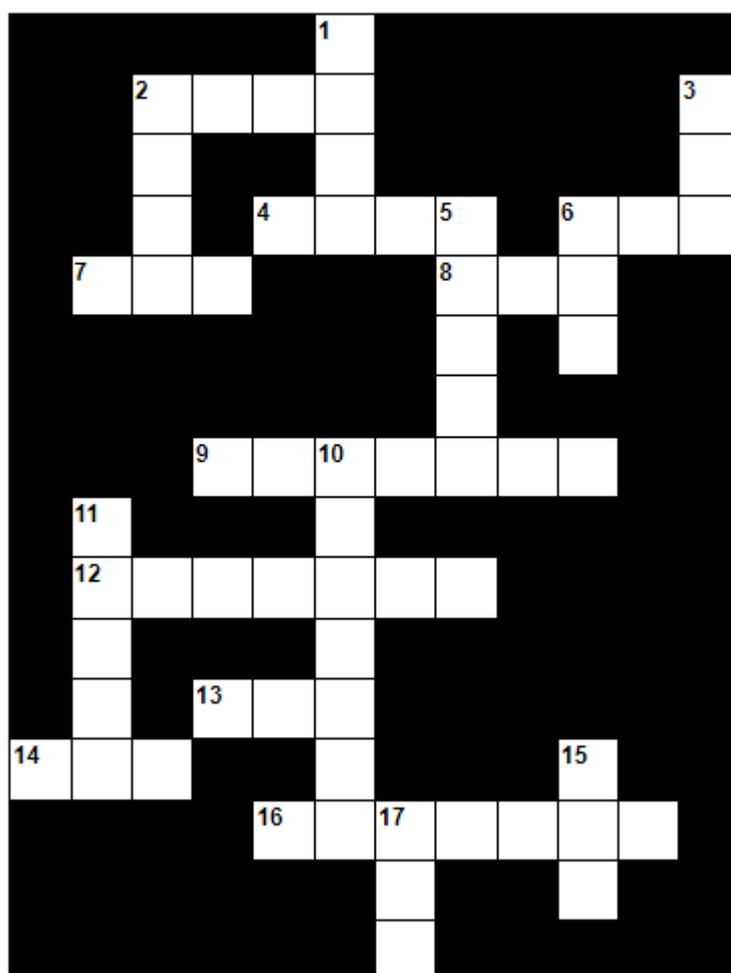
Figura 5 - Quiz enviado por alunos

Os alunos enviaram de formas diferentes e utilizaram formas diversas, fazendo com que pudessem ter autonomia ao criar um exercício para seus colegas. Não foi possível discutir e disponibilizar para todos os alunos os envios deles, pois a pandemia começou e nem todos os alunos puderam participar das discussões por falta de acesso às aulas.

O exemplo abaixo é uma atividade que os alunos gostam muito de fazer, porém as dicas para identificar qual seria o verbo adequado, não foram disponibilizadas, impossibilitando os alunos de realizarem, e pelo fato da aluna não participar das aulas, foi enviado uma devolutiva sobre isso, mas ela não reenviou.

## Cruzadinha Verbos Auxiliares

Sua pontuação é 0%.  
Algumas de suas respostas estão incorretas. Quadrados incorretos foram apagados.



[Verificar Resposta](#)

Figura 6 - Palavra Cruzada enviada por alunos.

Já o próximo exercício proposto é de preenchimento de lacunas por meio da escuta da música: *The Lazy Song* de *Bruno Mars*<sup>9</sup> que os alunos deveriam assistir ao vídeo no Youtube para completar os espaços com as palavras escutadas.

<sup>9</sup> Vídeo *The Lazy Song*. disponível em: <https://youtu.be/fLexgOxsZu0>. Acesso em: 22 de out. 2021.

Complete the lyrics of the song!

LISTEN TO THE MUSIC OF THE LINK BELOW AND COMPLETE THE LYRICS

[https://www.youtube.com/watch?v=fLexgOxsZu0&list=RDfLexgOxsZu0&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=fLexgOxsZu0&list=RDfLexgOxsZu0&start_radio=1)

THE LAZY SONG  
Bruno Mars

Today I don't feel like doing anything  
I just wanna lay in my  [?]  
Don't feel like picking up my phone  
So leave a message at the tone  
'Cause today I swear I'm not doing anything  
I'm gonna kick my  [?] up then stare at the fan  
Turn the TV on, throw my hand in my pants  
Nobody's gon' tell me I can't  
I'll be lounging on a couch, just chilling in my snuggie  
Click to MTV so they can teach me how to Dougie  
'Cause in my  [?] I'm the freaking man

Figura 7 - Completar as lacunas dos versos da música com auxílio de vídeo enviado por alunos.

Os alunos relataram que tiveram dificuldades em fazer, mas sentiram-se muito capazes de produzir um exercício para os colegas da turma fazerem, o empoderamento, o engajamento e a autoconfiança desenvolvidos nessas atividades fizeram com que os docentes pudessem desmistificar sobre a capacidade de serem protagonistas do próprio aprendizado.

Enquanto professora é muito gratificante proporcionar momentos de motivação e envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem deles, pois para que este se torne significativo é necessário colocar os alunos no papel de sujeitos ativos e não serem somente sujeitos passivos. É mais fácil enviar um link para fazerem atividades ou até mesmo propor uma atividade escrita tradicional, de caráter quantitativo, todavia o resultado de algo produzido por alunos é fenomenal.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando assisti ao vídeo *Hackschooling makes me happy*<sup>10</sup> em que Logan LaPlante um menino de treze anos em 2013, quando decidiu relatar na *TEDx Talks*<sup>11</sup> da Universidade de Nevada o motivo pelo qual seus pais decidiram tirá-lo da escola regular e proporcionar ao menino uma educação diferente da convencional.

O vídeo fez com que eu refletisse novamente sobre a minha prática, será que estou motivando meus alunos a *hackearem*<sup>12</sup> seus estudos? Resolvi compartilhar com meus alunos do Ensino Médio, já que foi um vídeo e também um assunto proposto em uma das aulas do curso de Inglês de uma escola de inglês que trazia o ensino híbrido desde 2015 e falava sobre essa autonomia para se estudar de forma significativa.

Após disponibilizar o vídeo, fazer uma reflexão com os alunos e iniciar uma prática um pouco diferente, mas longe de ser o que se propõe no vídeo, pude perceber que estava tentando mudar e quebrar alguns paradigmas e talvez respeitando os saberes dos meus alunos.

Paulo Freire, patrono da Educação Brasileira, traz uma reflexão acerca do respeito aos saberes dos alunos, entrar no contexto deles e só assim haverá sucesso no processo de ensino aprendizagem, principalmente nas escolas públicas. Vejamos:

“Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os da classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.” (Freire, 1996, p. 17)

Estudar, me preparar e sempre buscar refletir sobre a prática, faz com que tente proporcionar aos meus alunos, aulas menos chatas, mais significativas na tentativa de promover aprendizado.

Aprendizado baseado em tarefas é um meio de engajar os alunos e também de gamificar o ensino, de acordo com Nunan (2004) “o ponto de partida para a concepção de

---

<sup>10</sup> Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h11u3vtcpaY&t=170s>. Acesso em 25 mai. 2021.

<sup>11</sup> Palestras com até 18 minutos proferidas para uma plateia selecionada. Disponível em: <https://www.ted.com/participate/organize-a-local-tedx-event/tedx-organizer-guide/speakers-program/what-is-a-tedx-talk>. Acesso em 25 mai. 2021.

<sup>12</sup> Segundo Aranha, S. (2015) Hackschooling é o nome que ele deu para a sua experiência de escolarização fora da escola. A palavra origina de outra Hacker que significa um indivíduo que se dedica, com intensidade incomum, a conhecer e modificar os aspectos mais internos de dispositivos e redes de computadores.

atividades baseadas em tarefas devem ser as metas e objetivos estabelecidos no programa ou diretrizes curriculares que sustentam seu programa de ensino. Você pode precisar aumentá-los ou modificá-los se não estiverem escritos em uma forma que possa ser traduzida diretamente em tarefas comunicativas<sup>13</sup>”.

Quando os professores estão dispostos a inovar, ensinar partindo dos conhecimentos e interesses dos alunos proporcionará um ensino mais significativo e provavelmente haverá engajamento dos alunos, é claro que tem alunos que não serão contagiados pela mudança, muito menos alguns gestores e até mesmo instituições, mas que esses fatores não sejam mote para a procrastinação e a comodidade em não mudar.

Que nós, professores, tenhamos sempre a disposição em analisar nosso contexto de aula, que deixemos de centralizar as aulas em nós e passemos a focar nos alunos, pois como ressaltou Freire (1996) “Educar é substantivamente formar. Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, S. **Hackschooling, você sabe o que é isso?** 2015. Disponível em: <https://www.soniaranja.com.br/hackschooling-voce-sabe-o-que-e-isso/> Acesso em 25 mai. 2021.

ARAÚJO, I. CARVALHO, A. A. **Gamificação no Ensino: casos bem-sucedidos.** Revista Observatório, Palmas, v. 4, n. 4, 246-283, jul-set. 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4078>. Acesso em 15 mai. 2021.

BACICH, L. TANZI-NETO, A. TREVISANI, F. M. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação.** Porto Alegre: Penso, 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm) Acesso em 25 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília, 1998. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn\\_estrangeira.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf) Acesso em: 25 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC/SEF, 2018 Disponível em:

---

<sup>13</sup> “the starting point for task design should be the goals and objectives which are set out in the syllabus or curriculum guidelines that underpin your teaching program. You may need to augment or modify these if they are not written in a form which can be directly translated into communicative tasks.”

[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)  
Acesso em 25 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. **Brasil no Pisa 2018 [recurso eletrônico]**– Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes\\_e\\_exames\\_da\\_educacao\\_basica/relatorio\\_brasil\\_no\\_pisa\\_2018.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/relatorio_brasil_no_pisa_2018.pdf). Acesso em 11 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação.** Brasília: MEC, 2005. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pol\\_inf\\_eduinf.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pol_inf_eduinf.pdf). Acesso em 11 ago. 2021.

DONNINI, L., PLATERO, L. e WEIGEL, A. **Ensino de Língua Inglesa.** São Paulo: Cengage Learning, 2013.

DUARTE, V. C. **Que Querer é esse que eu Quero? Despertando o querer usando atividades teatrais.** In: Leila Barbara; Rosinda de Castro Guerra Ramos. (Org.). Reflexão e Ações no Ensino-Aprendizagem de Línguas. Mercado de Letras: Campinas, 2003, v., p. 259-285. Disponível em: <https://encontroacp.com.br/material/textos/que-querer-e-esse-que-eu-quiero-despertando-o-querer-usando-atividades-teatrais-acp-encruzilhadas-e-perspectivas/>. Acesso em: 25 mai. 2021.

ELLIS, R. **Second Language Acquisition.** Oxford. OUP, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KIM, S. SONG, K. **Gamification in Learning and Education Enjoy Learning Like Gaming.** Springer International Publishing AG 2018.

LAPLANTE. L. **Hackschooling makes me happy.** Disponível em: <https://youtu.be/h11u3vtcpaY>. Acesso em: 15 mai. 2021.

MARS, B. **The Lazy Song.** Disponível em: <https://youtu.be/fLexgOxsZu0>. Acesso em 22 out. 2021.

NUNAN, D. **Task-based Language Teaching.** Cambridge: CUP, 2004.

PAIVA, V. L. M. O. **Tecnologia na docência em línguas estrangeiras: convergências e tensões.** In: Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos. (Org.). Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, v. V, p. 595-613.

PAIVA, V. L. M. O. e BRAGA, J. C. F. **Reconfigurando a sala de aula em ambientes virtuais de aprendizagem** In: Ana Maria Ferreira Barcelos. (Org.). Linguística Aplicada: reflexões sobre ensino e aprendizagem de língua materna e língua estrangeira. Campinas: Pontes, 2011, v., p. 119-139.

PALFREY, J. GASSER, U. **Nascidos na Era Digital: Entendendo a primeira geração de nativos digitais.** Porto Alegre. Grupo A, 2011.

PHILLIPSON, R. **Linguistic Imperialism.** Oxford. OUP, 2008.

PRENSKY, M. **Digital Natives, Digital Immigrants.** On the Horizon. vol. 9 n. 5, Oct. 2001. Disponível em:

<https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> Acesso em: 03 jun. 2021.

PRENSKY, M. **Digital Natives, Digital Immigrants II: Do They Really Think Differently?** On the Horizon. vol. 9 n. 5, Oct. 2001. Disponível em:

<https://marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part2.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2021.

RESNICK, Mitchel. **Jardim de Infância para a Vida Toda: Por Uma Aprendizagem Criativa, Mão na Massa e Relevante para Todos** (p. iii). Penso Editora. Edição do Kindle. 2020.

SILVA, M. F. **O papel da motivação no aprendizado de Inglês como Língua Estrangeira na escola pública.** SENALE IV, UCPEL. Disponível em

[http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/SENALE\\_IV/IV\\_SENALE/marcus\\_f\\_da\\_siva.htm](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/SENALE_IV/IV_SENALE/marcus_f_da_siva.htm) Acesso em: 03 jun. 2021.

WATERS, R. **Another Brick in the Wall.** Londres. Harvest Records. 1979.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.